

# Construindo uma comunidade através da música: um olhar sobre o Projeto Educando com Música e Cidadania de Atibaia (SP)

**Flávio Rodrigues**

Universidade Estadual de Campinas  
[orcid.org/0000-0003-4555-9011](https://orcid.org/0000-0003-4555-9011)  
[f263863@dac.unicamp.br](mailto:f263863@dac.unicamp.br)

RODRIGUES, Flávio. Construindo uma comunidade através da música: um olhar sobre o Projeto Educando com Música e Cidadania de Atibaia (SP). **Revista da Abem**, [s. l.], v. 32, n. 2, e32204, 2024.

## Construindo uma comunidade através da música: um olhar sobre o Projeto Educando com Música e Cidadania de Atibaia (SP)

**Resumo:** O Projeto Educando com Música e Cidadania, maior iniciativa social de ensino gratuito de música da cidade de Atibaia, no interior de São Paulo, atinge, aproximadamente, 2 mil estudantes em 17 escolas municipais e em sua sede. São oferecidas aulas de instrumentos de cordas, metais, madeiras, percussão, canto coral, dança, teoria e iniciação musical em aulas coletivas e práticas de conjunto. Este artigo tem como objetivo compreender o impacto social e musical que o projeto exerce em seus integrantes e em suas famílias e seu potencial transformador dentro da cidade de Atibaia. Para isso, empreenderemos, nessa investigação, uma abordagem social do aprendizado: o conceito de comunidade de prática. A partir dessa perspectiva, a metodologia usada para compreendermos como essas relações se constroem e se configuram envolveu uma abordagem etnográfica, com a condução de entrevistas semiestruturadas com integrantes e ex-membros da Fanfarra Municipal de Atibaia, grupo de maior capilaridade do projeto, além de pesquisa bibliográfica e levantamento de relatos prévios em jornais e revistas, a fim de entendermos alguns dos desdobramentos e consequências dessa iniciativa em seus participantes e nas famílias atendidas a partir de suas trajetórias e de como veem o projeto e a si mesmos. Dessa forma, foi possível compreender como a prática ancora a difusão de um rico e vasto repertório compartilhado entre seus atores e como, a partir dele, vão se formando noções de pertencimento, identidade e reciprocidade em torno das ações do projeto, tornando-o parte da formação social desses indivíduos.

**Palavras-chave:** Projeto Educando com Música e Cidadania, projeto social, ensino de música, fanfarra, pesquisa etnográfica.

## Building a community through music: a look at the Projeto Educando com Música e Cidadania in Atibaia (SP)

**Abstract:** The Projeto Educando com Música e Cidadania, the largest social initiative for free music education in the city of Atibaia, in the interior of São Paulo, reaches approximately 2 thousand students in 17 municipal schools and at its headquarters. Classes are offered in string instruments, brass, woodwind, percussion, choral singing, dance, theory and musical initiation in collective classes and ensemble practices. Therefore, this article aims to understand the social and musical impact that the project has on its members and their families, and its transformative potential within the city of Atibaia. To this end, in this investigation we will undertake a social approach to learning: the concept of community of practice. From this perspective, the methodology used to understand how these relationships are constructed and configured involved an ethnographic approach, conducting semi-structured interviews with members and former members of the Fanfarra Municipal de Atibaia, the group with the greatest reach in the project, in addition to bibliographical research and survey of previous reports in newspapers and magazines, in order to understand some of the consequences of this initiative on its participants and on the families served based on their trajectories and how they see the project and themselves. In this way, it was possible to understand how the practice anchors the dissemination of a rich and vast repertoire shared among its actors and how, from it, notions of belonging, identity and reciprocity are formed around the project's actions, making it part of the social formation of these individuals.

**Keywords:** Projeto Educando com Música e Cidadania, social project, music teaching, fanfare, ethnographic research.

## Construyendo una comunidad a través de la música: una mirada al Projeto Educando com Música e Cidadania en Atibaia (SP)

**Resumen:** El Proyecto Educando com Música e Cidadania, la mayor iniciativa social de educación musical gratuita en la ciudad de Atibaia, en el interior de São Paulo, llega aproximadamente a 2 mil estudiantes en 17 escuelas municipales y en su sede. Se ofrecen clases de instrumentos de cuerda, metales, vientos, percusión, canto coral, danza, teoría e iniciación musical en dinámicas colectivas y prácticas de conjunto. Por lo tanto, este artículo tiene como objetivo comprender el impacto social y musical que el proyecto tiene en sus integrantes y sus familias y su potencial transformador dentro de la ciudad de Atibaia. Para ello, en esta investigación emprenderemos un enfoque social del aprendizaje: el concepto de comunidad de práctica. Desde esta perspectiva, la metodología utilizada para comprender cómo se construyen y configuran estas relaciones implicó un enfoque etnográfico, realizando entrevistas semiestruturadas a

integrantes y ex integrantes de la Fanfarra Municipal de Atibaia, el grupo de mayor alcance en el proyecto, además de una investigación bibliográfica y un relevamiento de reportajes anteriores en periódicos y revistas, con el fin de comprender algunas de las consecuencias de esta iniciativa en sus participantes y en las familias atendidas en función de sus trayectorias y cómo ven el proyecto y a sí mismos.. De esta manera, fue posible comprender cómo la práctica ancla la difusión de un rico y vasto repertorio compartido entre sus actores y cómo, a partir de ello, se forman nociones de pertenencia, identidad y reciprocidad en torno a las acciones del proyecto, haciéndolo parte de la formación social de estos individuos.

**Palabras clave:** Projeto Educando com Música e Cidadania, proyecto social, enseñanza musical, fanfarria, investigación etnográfica.

## Introdução

“Vocês já são campeões por estarem fazendo tudo isso que a gente está fazendo. E todo mundo sabe. Eu só quero que vocês toquem pra cacete! Só isso. Toquem, toquem. Se divirtam lá!” (Sob o som [...], 2019). As palavras do regente da Fanfarra Municipal de Atibaia (FAMA), Luís Henrique Chinaglia, proferida a seu grupo antes da final do concurso Circuito Amigos das Fanfarras e Bandas, que aconteceu na cidade de Nazaré Paulista (SP), em novembro de 2018, ilustram o sentimento de orgulho compartilhado pelas inúmeras pessoas que integram o conjunto de Atibaia, no interior de São Paulo, entre músicos, corpo coreográfico, educadores, apoiadores e espectadores. Essa comoção, no entanto, não provém somente dos vários títulos conquistados pelo conjunto, como o Mundial do Concurso de Bandas e Fanfarras promovido pela World Association of Marching Bands, em 2005, e o World Music Contest, disputado na Holanda, em 2009 (Rodrigues, 2018), entre muitos outros que lotam sua sede de troféus e medalhas, mas sim do reconhecimento de suas trajetórias plurais construídas em comunidade dentro do Projeto Educando com Música e Cidadania, programa pioneiro no ensino gratuito de música a crianças, jovens e adultos em diversos pontos do município.

O Projeto Educando com Música e Cidadania, maior e mais antiga iniciativa<sup>1</sup> social de ensino de música da cidade de Atibaia, atinge, aproximadamente, 2 mil estudantes em 17 escolas municipais e em sua sede, no bairro do Atibaia Jardim, na região central, segundo Luís Henrique Chinaglia<sup>2</sup>. São oferecidas à população aulas de instrumentos de cordas (violino, violoncelo, viola, contrabaixo, violão), metais (trompete, trompa, trombone, tuba), percussão, madeiras (flauta transversal,

<sup>1</sup> Ver o site do projeto em <https://www.educandomusicaecidadania.com.br>.

<sup>2</sup> Todas as citações de Luís Henrique Chinaglia são provenientes de entrevista concedida em setembro de 2003, em Atibaia.

clarinete, saxofone), canto coral, dança (sapateado, jazz, balé), além de aulas de iniciação e teoria musical. Ademais do sucesso musical, o coordenador do projeto e regente da FAMA, conjunto mais antigo do projeto, ressalta o caráter social da empreitada:

Nós acreditamos que uma banda vai muito além do trabalho musical, e ajuda a transformar a realidade de um aluno que muitas vezes mora em bairros afastados da cidade e enfrenta dificuldades financeiras, familiares, etc. A música eleva as pessoas, ensina valores como disciplina, cooperação, união, tudo isso desenvolvido de maneira coletiva, com muito respeito e carinho. Estamos plantando sementes para o futuro. (cf. Rodrigues, 2018)

As aulas acontecem semanalmente e são ministradas de maneira coletiva, com idades e número de participantes variáveis, por uma equipe que envolve mais de 50 profissionais, entre educadores, responsáveis pela administração, funcionários terceirizados e voluntários. O foco das aulas é direcionar os alunos para os grupos mantidos pelo projeto: alunos de cordas (com exceção do violão) e madeiras para as orquestras; alunos de metal e percussão para as orquestras e para as fanfarras (fanfaras escolares, fanfarras infanto-juvenis [Faminhas] e FAMA) e os demais grupos contam com conjuntos próprios, salvo as aulas de iniciação e teoria musical, que servem como apoio às demais atividades. Entre os profissionais que lecionam, estão músicos com educação formal em faculdades de música e conservatórios e outros formados no próprio projeto, que passaram por anos de experiência dentro dos grupos e são preparados por meio de capacitações e estágios internos.

A partir desse panorama, este artigo tem como objetivo compreender o impacto social e musical que o Projeto Educando com Música e Cidadania exerce em seus integrantes e em suas famílias e seu potencial transformador dentro da cidade de Atibaia. Para isso, empreenderemos, nessa investigação, uma abordagem social do aprendizado: o conceito de comunidade de prática (CoP). As comunidades de prática são formadas por pessoas que compartilham de um interesse, um conjunto de problemas ou uma paixão por um tópico, onde seus membros aprofundam seus conhecimentos e especialidades nessa área por meio de uma interação contínua. Dentro da comunidade, vão se criando, de maneira natural, trocas, repertórios, amizades e um senso de pertencimento a um grupo e de uma identificação com ele. O conceito nasceu a partir das pesquisas de Etienne Wenger e Jean Lave, em 1991, e

é explorado pelo próprio Wenger em diversas publicações posteriores. As comunidades de prática buscam entender a aprendizagem humana dentro da esfera social, fortemente enraizadas em ideias da antropologia e teoria social. Dessa forma, muito mais do que uma relação direta entre mestre e estudante, o estudo sob a perspectiva da comunidade de prática situa o conhecimento numa relação diversa e multifacetada (Wenger, 2010), que denota a interdependência relacional entre indivíduo e mundo, atividade, significado, cognição, aprendizado e conhecimento. Aprender, pensar e conhecer são características de uma pessoa em atividade no mundo e que se relaciona socialmente com ele através de um fazer, de uma prática (Lave; Wenger, 1991). Assim, em resumo, a partir de um engajamento mútuo entre seus participantes, um empreendimento conjunto comum e um repertório compartilhado, criam-se noções de pertencimento e identidade em torno de um determinado domínio e por sua interação regular (Wenger, 1998).

A metodologia usada para compreendermos como essas relações se constroem e se configuram dentro do Projeto Educando com Música e Cidadania envolveu uma abordagem etnográfica, com a condução de uma série de entrevistas semiestruturadas com integrantes e ex-membros da Fanfarra Municipal de Atibaia, grupo de maior capilaridade do projeto, realizadas no ano de 2023, além de pesquisa bibliográfica pertinente ao tema e levantamento de relatos prévios em jornais e revistas, a fim de entendermos alguns dos desdobramentos e consequências dessa iniciativa em seus participantes e nas famílias atendidas a partir de suas trajetórias e de como veem o projeto e a si mesmos. Assim, investigaremos o processo de aprendizagem a partir de uma perspectiva que leve em conta as relações, identidades e formas de ver o mundo presentes e construídas dentro do grupo de Atibaia.

## **A história da FAMA e o início do Projeto Educando com Música e Cidadania**

Segundo relatos de jornais da época, a tradição de bandas na cidade de Atibaia data da segunda metade do século XIX. Esses registros citam a presença de conjuntos musicais nas festividades do município já em 1865, sendo a corporação fundada por Hilário Beraldo de Vasconcelos considerada pioneira:

Sábado de Aleluia de 1865 [...] Todo mundo afluía à igreja, onde ia pregar o vigário João Ezequiel [...] terminada a reza, o Largo da Matriz foi pequeno para conter todo aquele povaréu [...] música do maestro Hilário Beraldo de Vasconcellos. (Martins, 1940, p. 109-110 *apud* Nery, 2008, p. 61)

No início do século XX, as bandas tornaram-se peças-chave na cultura do município, presentes nas mais diversas comemorações e funcionando como um importante difusor da arte musical, servindo como espaços de aprendizado e desenvolvimento. Dentre as bandas fundadas a partir dessa data, destacam-se: a Corporação Musical 24 de Maio, fundada em 1901; a Banda União da Mocidade/Lyra Atibaense, em 1905; a Banda 1º de Maio/Operária, em 1913; Corporação Musical 1º de Março, em 1925; e, finalmente, em 1931, a Corporação Musical 24 de Outubro, essa sendo a única ativa até os dias de hoje (Nery, 2008, p. 81).

Paralelamente ao crescimento das bandas, as escolas do município de Atibaia passaram a desenvolver suas próprias atividades musicais, entre elas as fanfarras escolares. Embora careçam de registros e materiais para uma análise pormenorizada, a adoção das fanfarras no contexto escolar brasileiro, segundo o pesquisador Athus Rogério Marconato (2014), pode ter se dado, dentro da educação musical pensada na época, a partir de sua vocação enquanto difusora de ideais de civismo e patriotismo, temas importantes do nacionalismo propagado principalmente a partir da chamada era Vargas, que teve início em 1930, dada a sua ligação com a prática das bandas marciais militares. A música como ferramenta de propaganda nacionalista e “bons costumes” é tema abordado, inclusive, pelo maestro Heitor Villa-Lobos, que teria afirmado que “[...] está provado que se nos educarmos ouvindo constantemente boas bandas de música, [isso] forçosamente influirá no progresso do caráter popular das multidões brasileiras” (Villa-Lobos, 1934, p. 99-103 *apud* Marconato, 2014, p. 19). Além disso, podemos inferir a aderência a esses grupos musicais às próprias limitações de sua formação instrumental, focada em instrumentos de sopro simples, como cornetas “lisas” ou com apenas um pisto, e percussão, sendo, portanto, de custo mais baixo e ensino facilitado quando em comparação com as bandas com instrumentos cromáticos. Independentemente dos projetos por trás da inserção das fanfarras nas escolas, fato é que essas iniciativas permitiram uma relevante

aproximação da população com o fazer musical. Segundo a pesquisadora Nilcéia Protássio Campos (2008, p. 103):

Se a educação musical ainda não é prática oficializada, os grupos vocais e instrumentais assumem papel importante no que se refere à socialização, à disciplina e à ampliação de experiências musicais. Desse modo, as bandas e fanfarras constituem elementos importantes na forma escolar e podem ser analisadas como derivações do ensino de música na escola.

Em meados da década de 1980, no entanto, muitas das bandas e fanfarras do município de Atibaia haviam encerrado suas atividades. A partir desse cenário, em 1989, o então prefeito, Cido Franco, durante o desfile cívico anual de aniversário da cidade, em 24 de junho, que contou com a participação de fanfarras da região organizadas pelo maestro Reginaldo Ângelo Ferreira, se manifestou publicamente pela criação de uma banda marcial que representasse o município e incentivasse a prática musical e cívica para a população e que, ao mesmo tempo, resgatasse sua tradição. A partir disso, foi dado o primeiro passo para a criação, em dezembro de 1990, sob regência do mesmo Reginaldo Ângelo Ferreira, da Fanfarra Municipal de Atibaia (Rodrigues, 2018).

Figura 1 – Reginaldo Ângelo Ferreira (no centro) regendo a FAMA em evento no ano de 1997



Fonte: arquivo de Felipe Ibraim Ferreira

Os ensaios da fanfarra passaram a acontecer a partir de 1991, duas vezes por semana, em um espaço cedido dentro da Companhia Têxtil de Atibaia, local de trabalho do maestro Reginaldo que, além de regente, dividia o tempo de sua rotina com a profissão de contador na mesma companhia. A FAMA, a princípio, reunia antigos músicos das escolas municipais e amigos do maestro que haviam se envolvido com as fanfarras nas décadas de 1960 e 1970, e já contava com mais de cem músicos em seu primeiro ano, entre homens e mulheres. Nessa mesma época, no entanto, alguns jovens também tiveram a oportunidade de se juntar ao conjunto, como foi o caso de Felipe Ibraim Ferreira, filho do maestro Reginaldo. Felipe conta, em entrevista, que aprendeu a tocar a corneta, mesmo instrumento de seu pai, a partir do contato com a fanfarra, em meados de 1991, aos 10 anos de idade. Os instrumentos e uniformes eram fornecidos pela Prefeitura de Atibaia, e o músico relembra que as apresentações em festividades da cidade e na região eram constantes.

Figura 2 – Registro da primeira apresentação pública da FAMA, em 1991



Fonte: arquivo de Felipe Ibraim Ferreira

Figura 3 – O jovem Felipe Ibraim Ferreira, em apresentação ocorrida em 1993



Fonte: arquivo de Felipe Ibraim Ferreira

Porém, nesse início, o grupo ainda se configurava de maneira bastante amadora, dada, em grande parte, a dificuldade do maestro Reginaldo com os aspectos musicais. Embora fosse um grande líder e conhecido pelos músicos de fanfarra de toda a região, tendo sido iniciado nas fanfarras escolares da cidade aos 8 anos de idade, Reginaldo não possuía qualquer educação formal na área musical. Esse fato, inclusive, foi motivo de divisão entre as bandas e fanfarras da cidade nas décadas anteriores: enquanto as bandas tinham prestígio e músicos com conhecimentos formais, as fanfarras eram vistas, por suas limitações instrumentais e conhecimento estritamente empírico, como bandas de baixa qualidade, conta Felipe Ibraim Ferreira<sup>3</sup>. Ele relata ainda que foi somente a partir do ano de 1993, com a chegada do maestro Celso Salgado, que a FAMA conseguiu iniciar um trabalho de formação e aprimoramento musical:

O Celso Salgado foi um dos caras mais importantes na história da FAMA e muitas pessoas não sabem. Ele foi o cara que sentou com todo mundo, fez todo mundo, naquela época, aprender a ler, educou todo mundo musicalmente [...]. Foi um cara muito importante pra gente, pra todo mundo.

<sup>3</sup> Todas as citações de Felipe Ibraim Ferreira são provenientes de entrevista em setembro de 2003, em Atibaia.

Celso atuou junto da fanfarra até o final de 1995, configurando, portanto, o início de um trabalho de formação junto aos músicos da FAMA. Após a saída de Celso, a fanfarra passou então a ser regida, em 1996, por outro importante personagem da história do conjunto: o maestro Rogério Wanderley Brito. Rogério possuía grande experiência com fanfarras, tendo iniciado seus estudos aos 7 anos de idade tocando corneta no Colégio Consolata, em São Paulo, grupo onde se tornaria regente mais tarde, em 1992. Além dessa experiência, o maestro também dominava o trompete com passagem pela Banda Marcial do Colégio Arquidiocesano de São Paulo e se formou em música pela Faculdade Mozarteum de São Paulo, tendo estudado, posteriormente, Composição e Regência na Universidade Estadual Paulista (UNESP) (Abanfare, 2020). Reginaldo Ângelo Ferreira seguiu na FAMA, dividindo a regência com o novo maestro.

Figura 4 – Rogério Wanderley Brito regendo a FAMA em evento no ano de 1997



Fonte: arquivo de Felipe Ibraim Ferreira

Felipe Ibraim Ferreira narra que, a partir do final da década de 1990, a FAMA, com o desenvolvimento musical do grupo, já conseguia apresentar um trabalho de maior qualidade e apuro técnico. Um ponto, porém, ainda configurava um grande desafio para o conjunto: muitos dos jovens músicos, que passavam anos se desenvolvendo dentro da fanfarra, a abandonavam por conta de compromissos profissionais quando chegavam à fase adulta. Isso fazia com que, de um ano para outro, naipes inteiros fossem praticamente perdidos e o trabalho precisava, constantemente, começar novamente do zero, muitas vezes com dificuldades de encontrar novos músicos para suprir essas necessidades. Foi a partir da detecção desse problema que surgiu a ideia de transformar a fanfarra num projeto social de formação musical. Nascia então, em 2002, o Música e Cidadania, reiniciando os trabalhos com as fanfarras mirins em diversas escolas municipais e proporcionando uma renovação constante do conjunto. Além disso, em 2005, o projeto se consolidou como uma associação independente, a Associação dos Amigos e Pais da Fanfarra Municipal de Atibaia (APAFAMA), que passou a fazer a gestão em convênio com a Prefeitura de Atibaia, e renovou seu acervo instrumental, abandonando os instrumentos “lisos” ou com apenas um pisto e adquirindo instrumentos mais modernos, transformando a FAMA em uma banda marcial, embora mantenha o nome de “fanfarra” até os dias de hoje pela tradição e reverência à sua história.<sup>4</sup> Infelizmente, o maestro Reginaldo pôde acompanhar pouco desse desenvolvimento, tendo falecido um ano após a criação do projeto, aos 48 anos de idade. Seu nome, no entanto, batiza o centro cultural sede do hoje Projeto Educando com Música e Cidadania.

Atualmente, o projeto é coordenado pelo maestro Luís Henrique Chinaglia, que atua também como maestro da FAMA ao lado do filho de Reginaldo, Felipe Ibraim Ferreira, que também exerce a função de maestro na Fanfarra Municipal de Nazaré Paulista (SP). Passados tantos anos do início da FAMA, Felipe conta ainda ter a vontade de ver a iniciativa ainda mais valorizada e profissional:

---

<sup>4</sup> Os conceitos de “banda marcial” e “fanfarra” utilizados neste artigo levam em conta uma diferenciação êmica exposta, em entrevista, pelo maestro Felipe Ibraim Ferreira, que entende as fanfarras como formações instrumentais que utilizam somente instrumentos de sopro “lisos” ou com apenas um pisto, enquanto as bandas marciais possuem instrumentos mais modernos e/ou de vários pistos, como trompetes, trompas, trombones de vara, entre outros que permitem o uso de escalas cromáticas. No entanto, ressalta-se que autores como o pesquisador Marcos Aurélio de Lima (2005) entenderão a fanfarra como apenas mais um tipo de banda marcial.

Eu acho que Atibaia ainda não tem noção do que é a FAMA, do que ela representa para um grupo grande de pessoas. É muita gente que procura, é muita gente que quer ver, muita gente que quer assistir. Em uma cidade que tem muito mais crianças aprendendo a tocar um instrumento de sopro do que fazendo futebol, acho que é muito pouco explorado. [...] Acho que isso é um legado. E a nossa meta, o nosso sonho, é profissionalizar esse meio.

## Das fanfarras escolares à profissionalização

O contato com o Projeto Educando com Música e Cidadania deixa marcas importantes em seus componentes. Além de uma aproximação com o fazer musical, a oportunidade de compor apresentações e um espaço de socialização, o projeto, para muitas pessoas, se torna uma possibilidade de uma nova perspectiva de carreira. É o caso, por exemplo, da trompista Maria Suellen Magalhães.

Suellen iniciou os estudos no projeto em 2002 tocando corneta, aos 10 anos de idade, na fanfarra escolar da Escola Municipal Waldemar Bastos Bühler, no bairro do Jardim Imperial, região de classe média baixa de Atibaia onde a jovem residia com sua família. As oportunidades de envolvimento com música no bairro eram bastante escassas, principalmente nessa época. Com destaque na fanfarra escolar, Suellen foi convidada para integrar o corpo musical da FAMA, em 2004. Hoje, é comum que os alunos passem antes por um estágio intermediário, as fanfarras infanto-juvenis, as chamadas Faminhas. Suellen chegou a integrar um desses grupos posteriormente, mas já como integrante da fanfarra principal. Aos 18 anos de idade, Suellen já continha em sua bagagem a participação nos dois campeonatos mundiais disputados e vencidos pela fanfarra, em 2005 e em 2009, e já iniciava sua carreira como docente lecionando no próprio projeto:

O papel do projeto foi fundamental pra tudo que aconteceu na minha vida depois. Isso em vários âmbitos, seja da minha formação enquanto pessoa, a questão civil, social e tudo que eu construí fora do meu ambiente familiar, as minhas próprias conclusões e concepções, tem muito do que eu vivi e aprendi no projeto. Toda a disciplina que a gente tinha, toda a rotina que a gente tinha. Era um conviver muito intenso, principalmente naquelas épocas em que a gente tinha competições. As minhas férias eram todas com eles, às vezes com ensaio de manhã, à tarde, e a gente adorava aquilo! Chegava fim de semana, se fosse fazer alguma coisa, às vezes era com o pessoal da banda também. Tem toda essa parte da formação do indivíduo, passa por isso<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> Todas as citações de Maria Suellen Magalhães são provenientes de entrevista concedida em setembro de 2003, em Atibaia.

Figura 5 – Fanfarra da Escola Municipal Professor Waldemar Bastos Bühler em apresentação na cidade de Taubaté (SP), no ano de 2004



Fonte: arquivo de Maria Suellen Magalhães

Figura 6 – Suellen Magalhães (esq.) em apresentação da FAMA ocorrida no Chile no ano de 2006



Fonte: arquivo de Maria Suellen Magalhães

As oportunidades sociais que o projeto promove impactam de maneira decisiva seus participantes, como ressalta, em matéria publicada na versão online do jornal *O Estado de S. Paulo*, o antigo maestro Rogério Brito: “Tem crianças que nunca tinham visto o mar. A primeira vez que viram o mar foi no Chile [no Festival Internacional de Bandas e Fanfarras disputado em Melipilla, no qual a FAMA participou em 2006]. Tem adolescente que nunca tinha ido a São Paulo e conheceu a Holanda [no já citado World Music Contest, realizado na cidade de Kerkrade, em 2009]” (cf. Favaro, 2010). As experiências sociais proporcionadas pela música são importantes fatores da construção desses indivíduos, assim como o impacto que o palco traz para esses mesmos meninos e meninas. Segundo a pesquisadora Rose Hikiji (2005, p. 166), “a apresentação é, por um lado, a vitrine que exhibe o projeto e seus atores, fixando sua identidade. Por outro, é uma oportunidade ímpar de manipulação de autoimagens”. Dessa forma, as oportunidades oferecidas pela FAMA e demais grupos do projeto permitem a seus atores redefinirem seus papéis sociais e seus lugares no mundo, inclusive profissionalmente. “A nossa batalha perdura porque vemos que é possível a criança sonhar em viver de música” (cf. Favaro, 2010), completa o maestro Rogério.

A história de Suellen ilustra como o desejo do maestro Rogério Brito pode se tornar realidade: além da atuação na FAMA, a garota integrou a Orquestra Sinfônica de Bragança Paulista e a Banda Sinfônica Jovem do Estado de São Paulo e teve passagem pela Escola de Música do Estado de São Paulo (EMESP Tom Jobim) e pela Escola Municipal de Música de São Paulo. Atualmente, Suellen é licenciada em Música pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo com mestrado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, defendendo a dissertação *O trompista no século XXI perspectivas metodológicas para uma formação versátil* (Magalhães, 2021). Além disso, atua como trompista e supervisora educacional da área de sopros nas regionais Jundiá e São José dos Campos do Projeto Guri. Em conversa com Suellen, ela revela como vê o papel do projeto em sua carreira artística e como educadora, e como as aulas em grupo definem um aprendizado em comunidade:

Eu descobri a música por causa do projeto e nisso eu descobri a minha profissão também. Mas muito do que eu levei pra minha profissão enquanto professora, enquanto formador, vieram de coisas que eu aprendi na prática. O projeto foi fundamental, ainda é fundamental.

Todo o ciclo de formação que ele promove influenciou muito a minha vida e acho que ele muda o cenário da própria cidade. [...] Eu vejo que a questão do ensino coletivo, ela traz muito essa coisa da formação do senso de comunidade dentro do grupo, a questão do pertencimento, isso é muito importante porque você passa a entender que aquilo é seu e te faz parte, e quando a gente fala de um projeto social a gente fala de oportunizar, de dar oportunidade pra pessoas que, talvez, de outra forma, não teriam acessado esse conhecimento. E isso é muito latente pra quem tá ali dentro, a gente entende que é isso, a gente dá muito valor pra aquilo e a gente entende o quanto a construção daquilo é nossa num ambiente coletivo. Mas, pra além disso, eu entendo também e, na minha concepção, o projeto de Atibaia é muito forte por isso, porque ele desenvolveu uma noção de pertencimento com a comunidade ao redor. Então existe uma comunidade de quem tá junto, mas existe uma comunidade ao redor, os pais que abraçam a ideia, a comunidade no entorno que entende o valor daquilo e aquilo vira um patrimônio de todo mundo, existe um entendimento de que “pera, isso aqui nos pertence, isso aqui é nosso e a gente quer ver acontecer, quer fazer acontecer”.

Figura 7 – Suellen Magalhães (centro) junto dos pais na colação de grau de sua graduação, em 2015



Fonte: arquivo de Maria Suellen Magalhães

A trajetória da trompista, ressalta-se, está longe de ser uma exceção. Os exemplos de alunos que iniciaram os estudos musicais dentro dos grupos do Projeto Educando com Música e Cidadania e hoje se profissionalizaram na área são diversos, segundo relato do maestro e coordenador Luís Henrique Chinaglia. Conservatórios, faculdades de música, orquestras, bandas militares, entre outros, são destinos comuns de muitos jovens que participaram da iniciativa. O próprio maestro, inclusive, é mais um exemplo dessa construção. Tendo iniciado sua trajetória na FAMA, aos 8 anos de idade, em 1995, por insistência de seu pai, amigo do maestro Reginaldo, e influência de um colega de escola, hoje ele coordena todos os educadores e, junto de outros profissionais do projeto, capacita alunos que se destacam para a formação de novos professores e regentes das fanfarras escolares e demais áreas.

Sobre esse trabalho, Luís conta que, aos 16 anos, os alunos que demonstram vontade e aptidão para se tornarem educadores iniciam a primeira etapa de preparação, que envolve um minicurso onde aprendem o básico sobre o projeto: os setores, funções, a parte organizacional, administrativa, além de serem instruídos sobre regras de vocabulário, postura e comportamento esperados pelos educadores. Ao concluir essa etapa, eles fazem uma avaliação para seguirem para o estágio seguinte. Aqueles que são aprovados continuam para a próxima fase do processo, ganhando o status de “estagiários”. Essa nova parte envolve a apresentação do campo de mercado de trabalho, locais para estágio e espaços para seu desenvolvimento, com acompanhamento semanal. Após mais essa fase é feita uma nova avaliação, com os alunos aprovados sendo direcionados para o trabalho nas escolas. A partir daí, eles ganham o status de “auxiliares”. Os auxiliares passam por capacitações semanais dentro do projeto para que possam aprender noções de didática musical e exercer suas funções, acumulando experiências junto ao professor titular e se especializando na área pretendida. Assim, o projeto foi capaz de criar um dispositivo de formação não somente de membros para suas bandas e grupos instrumentais, mas também para seu próprio quadro de educadores e de dar oportunidades de atuação profissional para esses jovens.

## A família formada na FAMA

O pesquisador Ronaldo Ferreira de Lima (2006, p. 13), em sua dissertação *Bandas de música, escolas de vida*, inicia seu trabalho com o seguinte relato:

A banda de música é, para minha vida, um grupo de referência; uma experiência da qual até hoje retiro ensinamentos e lições de vida. Nela convive boa parte da minha adolescência e juventude. Passava, constantemente, mais tempo na sede da banda do que no convívio de minha casa. A banda era a outra família, uma segunda família. Ali aprendi a respeitar regras; a compartilhar problemas e soluções; a construir novas aspirações, opiniões, atitudes, ou seja, adquirir outra visão de mundo.

A formação dessa “segunda família” dentro dos conjuntos instrumentais, no entanto, parece impactar não somente aqueles que aprendem a tocar um instrumento musical dentro de seus conjuntos, mas também outros membros de suas unidades familiares originais, que configuram, portanto, uma extensão natural e fundamental da construção dessa comunidade de prática. No grupo de Atibaia, um destes exemplos é o da família da empreendedora Viviane Panarini, de 47 anos.

Casada e mãe de três filhos, Viviane possui dois deles atuando no projeto: Arthur, hoje com 17 anos, e Anthony, com 10 anos de idade. Arthur ingressou no projeto para tocar percussão quando tinha apenas 7 anos, na fanfarra da escola municipal Cido Franco, localizada no bairro Jardim Brasil, no ano de 2013. Em 2016, o percussionista já atuava na Faminha, a fanfarra infanto-juvenil, do polo centro. Em 2019, finalmente, chegou à FAMA, onde atua no momento. O irmão mais novo segue os passos do irmão percussionista, porém, atuando como trompetista. O jovem atua na fanfarra da escola Cido Franco desde 2021, quando tinha 8 anos, e na Faminha do polo centro. “O sonho dele é de entrar na Fanfarra Municipal de Atibaia”, conta Viviane<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Todas as citações de Viviane Panarini são provenientes de entrevista concedida em setembro de 2003, em Atibaia.

Figura 8 – Os jovens Arthur Panarini (acima) e Anthony Panarini (abaixo) nas fanfarras de suas escolas



Fonte: arquivo de Viviane Panarini

Viviane, nascida e criada na cidade de Atibaia, hoje morando no bairro Chácaras Fernão Dias, região afastada do centro da cidade, conta que a paixão pela música é antiga: “Meu pai era músico. Meu pai aprendeu música porque ele amava música desde pequeno. [...] Meu pai era apaixonado pela fanfarra. Eu sempre gostei, desde pequena, mas minha mãe nunca deixou eu participar”. Através dos filhos, Viviane pôde então reviver esse laço com a música e ver sua antiga vontade realizada. No entanto, isso não foi o bastante para ela e outras mães e pais que possuíam o desejo de envolver-se ainda mais ativamente com o projeto. Por isso, Viviane e o marido, Eduardo, se tornaram “pais de apoio” da FAMA e da Faminha do polo centro, desde 2021.

Os “pais e mães de apoio” exercem diversas atividades, entre elas a preparação dos fardamentos, o que envolve higienizá-los, passá-los e separá-los para o uso nas apresentações, preparação das bandeiras, ajuda no carregamento dos instrumentos para transporte, preparação de lanches para os músicos, acompanhamento das delegações, entre outras tarefas. “Vale muito a pena, porque a gente está no apoio ali, lutando por um só objetivo, fazendo com que eles saiam impecáveis, vitoriosos, uma grande família unida, todo mundo ali dando o melhor de si”, conta Viviane. O trabalho é totalmente voluntário, não recebendo nenhum tipo de ajuda de custo, e exercido principalmente por mulheres. Atualmente, a FAMA conta com cinco mães no apoio das atividades da fanfarra e três pais. A ligação criada nessa vivência entre essas mães é algo também ressaltado: “Toda mãe de apoio se une, uma ajuda a outra. Porque a gente lava, passa, limpa, transporta, carrega, auxilia, dá colo, enxuga lágrima, dá carinho, dá apoio, enfim, uma apoia a outra”. E completa, sobre a relação com os alunos do projeto: “O carinho que a gente recebe das crianças vale muito a pena [...] Quando eu não vou na FAMA todo mundo pergunta por mim, as meninas e meninos: ‘cadê a tia Vi?’, isso vale muito a pena”.

A partir dos relatos da “mãe de apoio”, é possível perceber uma dimensão social do projeto que extrapola os participantes diretos e se estende à sua periferia através dos familiares, criando noções de identidade a partir também desse envolvimento. Isso fica ainda mais claro em algumas passagens de minha conversa com Viviane: “Ser FAMA é fantástico, é um espetáculo da vida”. “Ser FAMA” indica um reconhecimento enquanto parte de uma comunidade ativa e engajada, que se constrói dentro de um empreendimento conjunto entre seus participantes. As “mães de apoio” da fanfarra acabam, assim, por criar uma associação ao trabalho realizado pelo projeto mesmo que não estejam nos palcos ou desfilando pelas avenidas empunhando instrumentos e, dessa forma, reconfiguram também suas trajetórias. Sobre esse trabalho, Viviane completa:

Muitos me perguntam: “Por que ser mãe voluntária? É muito corrido, é muita coisa pra fazer”. Aí eu falo: “Vai ver uma apresentação da FAMA. Vai assistir uma apresentação da FAMA, põe seu filho ou filha no projeto FAMA”.<sup>7</sup> É prazeroso, é gratificante, você ver seu filho ali, envolvido na música, sem pensar em coisas erradas.

<sup>7</sup> É comum que os membros do grupo se refiram ao Projeto Educando com Música e Cidadania simplesmente como “FAMA”.

## Conclusão

A partir dos relatos colhidos em campo, é possível atribuir o sucesso do Projeto Educando com Música e Cidadania à construção, através da prática musical, de um repertório vasto de experiências sociais e de uma comunidade fortemente engajada que oferece a seus participantes possibilidades de reimaginação de suas trajetórias, identidades e oportunidades profissionais. A partir dessa imersão num empreendimento conjunto e contínuo, criam-se as competências necessárias que fazem com que o significado de “ser FAMA” se revele a seus atores, como nos contou a apaixonada Viviane.

A FAMA, embrião do projeto, nasceu como uma banda para representar a cidade em suas comemorações cívicas e dar-lhe mais importância simbólica. Essa abordagem denota o caráter transformador que o palco, ou a avenida, podem exercer sobre seus atores na reconfiguração de suas autoimagens. A capilaridade do projeto, presente em diversas unidades escolares, muitas delas que atendem bairros afastados e vulneráveis da cidade, dá a esses jovens a possibilidade de se apropriarem de um mundo até então distante. Fornecer a oportunidade a esses meninos e meninas de manusearem instrumentos reais, feitos de metal, muitas vezes vistos como inacessíveis financeiramente para a realidade dessas famílias, pode ser visto como um fator de aumento de autoestima e uma possibilidade de pensar um novo futuro. Segundo o maestro Luís Henrique Chinaglia:

Trabalhar com classes sociais diferenciadas acaba, dentro de um grupo, na prática de conjunto, sendo um só. A gente acaba unificando. Então você pode ser de uma classe social de alto padrão ou baixa, mas ali, no momento, você está num conjunto. Então é muito importante essa prática de conjunto, porque você acaba desenvolvendo essa autoestima, a confiança, a interação, você está dependendo do seu companheiro, isso mostra que a gente não faz nada sozinho, a gente necessita do coletivo, necessita do próximo. Então eu vejo que a banda tem esse poder de transformar o individual pro coletivo. [...] A gente tem alunos que não têm uma condição financeira bacana, mas ali dentro ele se sente bem, se sente importante. E não é só porque ele está tocando na FAMA, é porque ele vê que, no coletivo, ele tem a sua função, e dentro da sua função ele é importante.

Além disso, o impacto familiar que o projeto exerce se mostra de maneira contundente: músicos que fazem com que irmãos mais novos queiram seguir seus passos e tenham como sonho fazer parte da fanfarra; pais e mães que dizem,

orgulhosos, que seus filhos tocam um instrumento musical; ou, ainda, pais e mães que, mesmo com uma rotina desgastante, doam seu tempo e esforço para serem voluntários dentro do projeto. A construção dessa comunidade demonstra a força simbólica e social que o conjunto atinge. Cria-se, na unidade familiar, uma relação de pertencimento que parece fornecer prestígio. Com isso, tornar-se parte do projeto acaba por ser algo desejado e almejado. Essas transformações se estendem aos bairros atendidos pelo projeto. Segundo relato da trompista Suellen Magalhães, sobre o bairro onde morava na infância:

Quando eu comecei era um bairro muito diferente. Não tinha quase nada, era um bairro mais de casas, não tinha tantos comércios, as ruas não tinham asfalto, e foi muito curioso ver o quanto que a fanfarra trouxe visibilidade pra esse lugar, porque a fanfarra construiu esse senso de comunidade com os alunos, com os pais, a gente tinha um grupo forte, engajado. Quando tinha concurso existia um movimento de fazer rifa, de fazer barraquinha na festinha do bairro pra conseguir levantar dinheiro pra gente ter uma farda bonita. E a gente saía e ganhava, ganhava o concurso, e nisso você leva o nome da cidade, do bairro e isso foi transformando o entorno também do lugar. A gente foi percebendo melhorias.

Mas as exigências dentro dos regimes de competência da comunidade são também bastante rigorosas. Essas competências são avaliadas dentro do próprio grupo a partir da definição do que é importante, qual seu empreendimento, como ela dá vida a uma perspectiva de mundo, a definição do que significa ser capaz e aceito para se envolver produtivamente com outros da comunidade e como usar de maneira apropriada o repertório de recursos que a comunidade acumulou durante seu histórico de aprendizado (Wenger, 2010). A trajetória de muitos dos alunos se inicia cedo, ainda na infância, e segue até a juventude, atingindo a fase adulta para aqueles que decidem se profissionalizar. Dessa forma, o engajamento com a comunidade ocupa grande parte da trajetória das pessoas atendidas pelo projeto, percorrendo anos de formação e construção de um repertório que envolve muito mais do que peças musicais, pois também aborda formas de se comportar, de socializar, de partilhar informações, entre outras competências. Esse processo de construção e ligação pode, inclusive, durar por toda a vida, como conta Suellen, que, mesmo longe de Atibaia para se aprimorar em seus estudos, mantinha contato com o grupo como podia: “Eu sempre acompanhei por redes sociais o projeto, a banda tem gente que eu conheço. Membros da família mais novos também começam a

entrar no projeto e começam a fazer aula, então de alguma forma eu sempre tive uma ligação”.

Muito além de educar através da música e promover cidadania, é a partir da construção de uma comunidade de prática que promove experiências significativas que o Projeto Educando com Música e Cidadania consegue, além de vencer diversos campeonatos com seus grupos instrumentais, transformar, de fato, a realidade de muitos atibaianos e da própria cidade.

## Referências

ABANFARE. I Workshop Online com Rogério Wanderley Brito. **Associação de Bandas, Fanfarras e Regentes de Pernambuco**, Recife, 22 jul. 2020. Disponível em: <https://www.abanfarepe.org/post/workshopcomrogeriobrito>. Acesso em: 10 set. 2023.

CAMPOS, Nilceia Protássio. O aspecto pedagógico das bandas e fanfarras escolares: o aprendizado musical e outros aprendizados. **Revista da Abem**, Porto Alegre, v. 19, p. 103-111, mar. 2008.

FAVARO, Tatiana. Fanfarra paulista faz sucesso internacional. **Estadão**, São Paulo, 12 abr. 2010. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/sao-paulo/fanfarra-paulista-faz-sucesso-internacional/>. Acesso em: 10 set. 2023.

HIKIJI, Rose Satiko Gitirana. Etnografia da performance musical: identidade, alteridade e transformação. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 155-184, jul./dez. 2005.

LAVE, Jean; WENGER, Etienne. **Situated learning**: legitimate peripheral participation. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

LIMA, Marcos Aurélio de. **A banda estudantil em um toque além da música**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

LIMA, Ronaldo Ferreira de. **Bandas de música, escola de vida**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

MAGALHÃES, Maria Suellen. **O trompista no século XXI: perspectivas metodológicas para uma formação versátil.** 2021. Dissertação (Mestrado em Música) – Unidade Acadêmica Especializada em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

MARCONATO, Athus Rogério. **Prática de banda em escolas de ensino fundamental como embasamento para processo pedagógico: um estudo de caso com duas escolas em Guarulhos – SP.** 2014. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2014.

NERY, Daniel Guimarães. **Música em Atibaia: uma história possível: volume I.** 2008. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2008.

RODRIGUES, Flávio. Fanfarra Municipal de Atibaia: a banda de Atibaia que conquistou o mundo. **Revista Atibaia Connection**, Atibaia, ano 3, n. 11, jun./jul. 2018.

SOB O SOM da FAMA (teaser) – Itaquera. 1 vídeo (1min50s). São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 2019. Publicado no canal Flávio Rodrigues. Disponível em: <https://youtu.be/H2TegPvbJdw?si=0kbOHksdIM0BVLVW>. Acesso em: 10 set. 2023.

WENGER, Etienne. **Communities of practice: learning, meaning, and identity.** Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

WENGER, Etienne. **Communities of practice and social learning systems: the career of a concept.** In: BLACKMORE, Chris. (ed.). *Social learning systems and communities of practice.* London: Springer Verlag and the Open University, 2010. p. 179-198.

**Flávio Rodrigues** é mestre em Música pela Universidade Estadual de Campinas, onde desenvolveu o projeto de pesquisa *Os tambores que vibram em nós a comunidade de prática do taiko na cidade de Atibaia (SP)*. Especialista em Musicoterapia Preventiva e Social pelas Faculdades Metropolitanas Unidas e graduado com Licenciatura Plena em Música pela Faculdade de Artes Alcântara Machado. Entre 2020 e 2022, integrou o projeto temático O Musicar Local: Novas Trilhas para a Etnomusicologia, iniciativa apoiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Atua como músico, pesquisador e educador.  
<https://lattes.cnpq.br/5622894250054910>